

ANTÓNIO CABRAL: JORNALISTA DAS TRADIÇÕES POPULARES

António Cabral: journalist of popular traditions

VAZ, Alina Sousa¹

Resumo

António Cabral pauta a sua principal ação ao nível social. Professor, poeta, escritor, animador, o seu curriculum esboça, também, uma vertente jornalística. Investigador dedicado às questões culturais durienses, exerceu a função de expert do Conselho da Europa no II Estágio Alternativo Europeu sobre Desportos Tradicionais e Jogos Populares sendo, também, responsável pela organização dos jogos Populares Transmontanos e Jogos Populares Galaico-Transmontanos, temas que o inspiraram na escrita de centenas de artigos nos jornais regionais e nacionais. Fundou a revista *Setentrião* (1962) e *Tellus* de que foi o primeiro diretor (1978), e o mensário Nordeste Cultural (1980). Promoveu, através do CCRVR, cinco encontros de escritores e jornalistas de Trás-os-Montes e Alto Douro: em Vila Real (1981), Chaves (1983), Bragança, Mirandela e Miranda do Douro (1984), Lamego, Régua e Alijó (1985) e Vila Real (1997). Nos Jornais e revistas que fundou ou em que participou os jogos e tradições populares tiveram sempre um lugar de destaque no sentido da sua divulgação.

Abstract

António Cabral main action is at the social level. Professor, poet, writer, entertainer, his curriculum also includes a journalistic aspect. Researcher dedicated to the Douro cultural issues, he was expert of the Council of Europe in the II European Alternative Stage on Traditional Sports and Popular Games, being also responsible for the organization of the Popular Transmontano Games and Popular Galaico-Transmontano Games, themes that inspired him in the writing of hundreds of articles in regional and national newspapers. He founded the magazines *Setentrião* (1962) and *Tellus* of which he was the first director (1978), and the monthly *Nordeste Cultural* (1980). He promoted, through CCRVR, five meetings of writers and journalists from Trás-os-Montes and Alto Douro: in Vila Real (1981), Chaves (1983), Bragança, Mirandela and Miranda do Douro (1984), Lamego, Régua and Alijó (1985) and Vila Real (1997). In the newspapers and magazines that he founded or in which he participated, the popular games and traditions always had a prominent place in their dissemination.

Palavras-chaves: *António Cabral; Cultura; Jornalismo popular.*

Keywords: *António Cabral; Culture; Popular journalism.*

Data de submissão: março de 2021 | **Data de Publicação:** setembro de 2021.

¹ ALINA SOUSA VAZ – Ministério da Educação | Agrupamento de Escolas do Pinheiro, Portugal. E-mail: alinasousavaz@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste estudo propomo-nos realçar a forma como António Cabral abordou, enquanto jornalista, as tradições populares transmontano-duriense, seguindo um percurso que António Pires Cabral assim descreveu:

saltava com agilidade surpreendente de interesse em interesse, de ocupação em ocupação: para além de professor e escritor, foi ensaísta e investigador do fenómeno literário e do fenómeno etnográfico, jornalista, radialista, animador cultural (Pires Cabral, 2009, p. 38).

António Cabral é unicamente considerado um homem de letras. A sua formação inicial, a Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Porto, bem como a sua formação sacerdotal, permitiu-lhe desde cedo criar hábitos de leitura e de escrita. Com sensibilidade e dom da escrita, António Cabral deixou um legado cultural vastíssimo publicado nos mais diversos géneros e nas mais diversas áreas, com destaque para a literatura, os jogos populares e pedagogia do jogo. Como investigador destas áreas, era convidado, frequentemente, como orador para jornadas realizadas a nível nacional, bem como no estrangeiro, especialmente na região espanhola da Galiza e na Alemanha.

No primeiro número do Jornal Nordeste Cultural encontramos um artigo, intitulado “Para a história do CCRVR”, subdividido com os títulos “Comissão Promotora”, “Comissão Instaladora”, “Assembleia de Representantes” e “Escritura da cooperativa” e onde explicita o processo de criação da associação:

foi então eleita uma Comissão Promotora do que ainda se designava como Conselho Cultural, convidando, posteriormente, todas as associações culturais do concelho de Vila Real para uma reunião a 14 de julho, no mesmo local, donde saíria a Comissão Instaladora (Coelho Pires, 2009, s.p.).

A Comissão instaladora composta por, José Manuel da Costa Pereira, Carlos Augusto Coelho Pires, António Cabral, Rodrigo Botelho e Francisco Albuquerque, este técnico da SEC em Vila Real, foi eleita a 14 de julho com a presença de representantes de 14 associações:

Esta Comissão Instaladora (...) iniciou logo os trabalhos de redação dos estatutos e regulamento interno do CCRVR. Foram quase três meses de trabalho intenso em que se multiplicaram os contactos com a S.E.C, vários organismos oficiais e grupos culturais do distrito de Vila Real (Nordeste Cultural 1980, p. 1).

No dia 4 de outubro de 1979 compareceram representantes de 14 associações dos Concelhos de Vila real, Sabrosa e mesão frio, estando nove credenciados para votar. “(...) Os corpos sociais, de acordo com a lei, dispunham, entretanto, da autoridade provisória, até à escritura da cooperativa” (Nordeste Cultural, 1980, p. 4). No dia 5 de novembro do mesmo ano foi assinada a escritura do Centro no Cartório Notarial de Vila Pouca de aguiar, por dez sócios fundadores. Os corpos sociais ficaram assim constituídos:

Mesa da Assembleia Geral: Presidente – Carlos Augusto Coelho Pires, vogais – Francisco José Ferreira Dias e Victor Manuel dos Santos. Direção: Presidente – António Joaquim Magalhães Cabral, secretário Virgínio da Costa Ribeiro e tesoureiro – José Augusto Monteiro Macedo. Conselho Fiscal: Presidente – João Jorge Dias Sarmento, vogais – Carlos Alberto Fraga e José Alcides Amorim Marques Almeida. (Nordeste Cultural, 1980, p. 4).

Refira-se que o centro Cultural Regional de Vila Real (CCRVR), aquando da sua abertura, sofreu diversas críticas, pois foi conotado como uma falsa cooperativa funcionando no fundo como uma espécie de extensão da Secretaria de Estado da Cultura (SEC). António Cabral e a sua equipa nunca negaram que o centro foi fundado graças ao seu apoio, com a qual mantinham contactos vivos e consideravam ter uma “relação exemplar”. A direção dá conta de que, apesar de terem relações com outros organismos oficiais, é com a SEC que quase diariamente estabelecem contacto, dando pareceres sobre apoios solicitados pelos grupos culturais da região.

António Cabral proclama, no editorial do Jornal Nordeste Cultural, enquanto dirigente da associação que,

O CCRVR recusa o dirigismo e paternalismo; por isso é uma cooperativa” com os principais objetivos “de reactivar o maior número possível de associações, fundamentalmente das ideias, procurando através do Jogos Populares Transmontanos criar uma dinâmica associativa capaz de os projetar para outras atividades e ainda provar-lhes que eles são capazes de organizar as suas próprias atividades sem interferência de pessoas alheias à própria associação.” (...) “movimentar os Ranchos Folclóricos, as Tunas Musicais e os grupos de Zés-Pereiras” e (...) “inventariar os inúmeros jogos populares” (Nordeste Cultural 1981, p. 7).

António Cabral nunca se deixou “catalogar, prender a um registo ou tendência literária, prefere ser versátil, inteiro, pássaro que pousa onde quer” (...) “Defendia aguerridamente o seu direito a pensar por si próprio, embora manifestando sempre respeito pela opinião contrária” (Pires Cabral, 2009, p. 37). Sobre a sua personalidade escreve um poema esclarecedor intitulado “Isso de uma Personalidade Poética”:

Não tenho uma personalidade poética,
Não quero ter uma personalidade poética,
Isso de uma personalidade poética é artifício,
Uma abstração,
Um limite,
Um bluff.
Respiro os quatro ventos
Que me entram na carne, pelas palavras,
Resolvem, estilhaçam, refazem
As vísceras e o pensamento,
As vísceras do pensamento.
Estou atento a todas as formas do ser
Infinito.
Serei um grande corpo fluvial (Cabral, 1977, p. 126).

A sua paixão pela cultura de Trás-os-Montes e Alto Douro é evidente no seu legado, tal como ficou patente na criação da revista *Setentrião*, criada em 1962 e a qual foi cofundador, e na revista *Tellus*, criada em 1978, sendo o seu primeiro diretor. (...) António Cabral refere que a Revista *Setentrião*, de que já tinham saído. Três números, era uma publicação de gente resultante de bate-papo à mesa de um café de Vila Real (...) Tratava-se de um a tertúlia informal surgida três ou quatro anos antes, onde as questões da cultura transmontano-duriense eram recorrentemente debatidas.

Desta forma, a *Setentrião* propunha-se essencialmente a “congregar esforços dispersos que, num élan fortemente construtivo, promovam a renovação de conferências, curtas metragens, atribuição de prémios literários, publicação de antologias e de estudos etnográficos e a organização de um ciclo de Teatro Moderno” (*Setentrião* 2-3 (fac-símile) 2009:1).

A revista *Tellus*, hoje sob a direção de António Pires Cabral, mantém as mesmas linhas de orientação. Proporciona na essência aos leitores estudos feitos sobre a cultura da região transmontana.

A sua faceta como jornalista esteve sempre aliada à vertente de um jornalismo cultural popular da região. Os seus testemunhos como dissemos ficaram em centenas de artigos dispersos por inúmeras publicações, desde logo as que ajudou a fundar, e outras como *Ordem Nova*, cuja secção “Miradouro das letras” dirigiu, *Estudos Transmontanos*, *Letras & Letras*, *Sol XXI*, *Semanário Transmontano*, *Notícias do Douro*, *Terra Quente...*

No entanto, a sua grande visibilidade enquanto fundador de um jornal regional cultural acontece no ano de 1980, quando fez surgir o *Jornal Nordeste Cultural*, criando no âmbito do Centro Cultural de Vila Real e cuja impressão e composição ficava a cargo da Minerva Transmontana, com uma tiragem de 3.000 exemplares.

Leia-se o editorial do primeiro número, que atesta as preocupações de António Cabral com as coisas da cultura popular:

Este jornal é exclusivamente cultural, embora tal epíteto não lhe restrinja muito o alcance, já que dentro da ideia de cultura cabe muito mais do que normalmente se pensa. Se por cultura entendermos o conjunta de estruturas que caracterizam a sociedade, temos então que nestas colunas muito pouco iria ficar de fora. A nossa intenção, todavia, ambiciona menos do que isso e, sem deixar de considerar a cultura na sua exata dimensão, quer a nível de estudo, quer a nível de prática, avançaremos preferencialmente nos sectores da expressão artística, etnográfica e de animação (*Nordeste Cultural*, 1980, p. 1).

António Cabral promoveu, também através do CCRVR, cinco *Encontros de Escritores e Jornalistas de Trás-os-Montes e Alto Douro*: em Vila Real (1981), Chaves (1983), Bragança, Mirandela e Miranda do Douro (1984), Lamego, Régua e Alijó (1985) e Vila Real (1997).

Foquemos, nesta abordagem, apenas o primeiro encontro de jornalistas e escritores, por ser iniciador das diretrizes dos outros que se seguiram. Assim, no auditório do, então, Instituto Universitário de Vila real, em 1981, “reuniram e trabalharam escritores e jornalistas, dos melhores e mais delicados que a região possui “(*Nordeste Cultural* 1981:2), em prol da cultura popular, o património cultural e o desenvolvimento económico e social de Trás-os-Montes. Na conclusão, escreve o mesmo jornal: “Através das 24 comunicações apresentadas e as centenas de intervenções dos participantes, foi possível definir linhas de atuação para o futuro, bem como medidas a tomar e a exigir, nomeadamente do poder central e local” (*Nordeste Cultural*, 1981, p. 5).

António Cabral, escritor, jornalista e especialista da cultura popular, lutou sempre, nestas jornadas, por uma união entre estas três vertentes, pois na sua opinião apenas o trabalho conjunto dos intelectuais ligados pelo nascimento ou pela sensibilidade a Trás-os-Montes e Alto Douro significaria um passo em frente no desenvolvimento da região, bem como na defesa das tradições populares.

Deste encontro saiu uma proclamação de conclusões e medidas para orientar futura, na realização de novas iniciativas, tal como veio acontecer posteriormente. O jornalista deixa os objetivos bem descritos em artigos no Jornal Nordeste Cultural em 1981.

Os objetivos a alcançar futuramente passariam por:

Levantamento, estudo e divulgação das várias expressões da cultura popular existentes em Trás os Montes e Alto Douro. Constituição de equipas de recolha que trabalhem juntamente com especialistas, numa ação que deve ser apoiada pelo poder central, autarquias e associações culturais. Os especialistas reunidos no encontro e outros deverão organizar-se e efetuar contactos entre si que permitam a troca de experiências e entajuda necessária.

Estudo da cultura popular transmontana, nomeadamente nas escolas, incentivando os jovens à prática da criação e difusão culturais.

Incentivos técnicos e financeiros justos e adequados aos criadores e agrupamentos populares de mérito, procurando levá-los ao conhecimento das populações do país, inclusivamente através da televisão e da Rádio; apoio à edição dos trabalhos de escritores e especialistas transmontano-durienses.

Criação de um Centro Cultural regional no Distrito de Bragança, que coordene a sua ação com o Centro Cultural de Vila real, dispondo ambos de meios técnicos e financeiros para apoiarem devidamente a ação e a animação culturais, a nível de região.

Criação de centros de cultura concelhios que, conservando a sua autonomia, deverão ter apoio das autarquias, a fim de recolherem a riqueza cultural da zona, a vários níveis, e lançarem iniciativas de difusão e animação culturais. As autarquias deverão apoiar a contratação de animadores culturais profissionais e deverão dar a maior importância aos pelouros da cultura.

Apoio técnico e financeiro a coletividades de cultura, recreio e desporto, associações de bombeiros e outras, para reanimação da vida associativa e realização de atividades socioculturais; este apoio deverá ser propício pelo poder central e pelas autarquias.

Defesa, conhecimento e divulgação do património natural e cultural de Trás-os-Montes e Alto Douro; incentivo ao conhecimento e fruição da cultura popular transmontana e duriense, integrando as suas várias expressões em iniciativas que visem o desenvolvimento correto do turismo, desenvolvimento que terá de respeitar as raízes culturais locais e até incentivá-las.

Defesa e conservação da paisagem arquitetónica de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Sensibilização dos quadros que trabalham nas comunidades rurais, nomeadamente dos professores primários, no sentido de se abrirem às manifestações culturais populares, permitindo e favorecendo a sua expressão.

Aproveitar as estruturas sociais escolares, casas do povo, etc., numa forma mais participada e aberta às comunidades locais.

Defesa de uma política coerente e eficaz de desenvolvimento regional – que é, afinal, um conjunto de políticas, nomeadamente política de emprego, política agrícola, política de transportes, política social, de educação e formação profissional, de valorização dos recursos naturais, de investimentos, etc.

António Cabral pautou-se sempre nos seus artigos de imprensa pela defesa das tradições populares, pois era da opinião que estas se traduzem em desenvolvimento económico e social do país e da região de origem.

O jornalista vinca nos seus artigos e na sua obra literária aquilo que Paul Ricoeur teoriza como identidade narrativa de uma comunidade humana.

Segundo o estudioso Coutinho, a identidade narrativa, que Paul Ricoeur teoriza, passa pelo labor dos “poetas próximos do povo que desempenham o papel da tradição popular como narrativa de que somos participantes e por onde chaga até nós o que nos identifica como povo”. Assim,

A memória de um povo, como torrente viva da sua consciência coletiva passando de geração em geração, é vinculada pela tradição. A tradição como indica a raiz latina da palavra, é essa passagem de testemunho através das sucessivas gerações. É próprio da memória de um povo filtrar o que corresponde à verdade do seu ser como povo. (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2841.pdf>).

António Cabral, toma consciência, desde muito cedo, da imensa riqueza do património cultural e arqueológico da sua região e dedica-se a recolher e a registar o maior número de informações sobre tradições visíveis nas mais diversas povoações da região transmontana-duriense. São essas tradições que são recuperadas da memória das gentes que habitam as aldeias fiel e rigorosamente para, assim, se constituírem como verdade de um povo.

Num mundo cada vez mais global, António Cabral, através da sua atividade na imprensa e comprometimento ativo em associações de promoção cultural, tentou abanar a consciência coletiva, procurando alertar para a necessidade de defender a idiossincrasia de cada comunidade, de cada povo, tomando como exemplo a região transmontano-duriense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cabral, A. (1980). “Jogos Populares Transmontanos”. In: *Nordeste Cultural*. Vila Real.

Cabral, A. (1981). *Os Jogos Populares e o Ensino*. Vila Real: Centro Cultural Regional de Vila Real.

Coutinho, J. (1984). *O futuro é o passado que amanhece – saudade e identidade em Teixeira de Pascoaes*. Assírio & Alvim. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2841.pdf>.

Pires, C. A. M. (2009). *Viajar com... António Cabral*. Vila Real: Direção Regional de Cultura do Norte. Edições Caixotim.